

Paschoal Senise: o homem político.

Walter Colli.



Conheci o professor Senise na passarela superior do Instituto. Ele estava apoiado no gradil olhando algo entre os blocos 3 e 4. Estavam construindo uma torre de tijolos vazados para abrigar o refrigerador de laser do espectrômetro Raman do professor Oswaldo Sala. Antes, é preciso explicar as características pessoais do professor: era um homem alto, sempre vestido com um terno jaquetão e com a fama de ser austero e pouco dado a maiores intimidades. Muitos tinham medo dele e mal chegavam perto, temerosos de levar uma bronca. Pensei comigo: ele sabe quem eu sou, mas se eu não chegar perto, não vou quebrar o gelo. Aí, do meu jeito, cheguei perto, disse bom dia - um cumprimento formalmente retribuído - e perguntei à queima-roupa: pra que serve aquela gaiola? A resposta veio minuciosa, detalhada, séria, explicando que aquilo não era uma gaiola, mas um local para proteger um refrigerador de um aparelho muito importante e que os tijolos vazados eram para o ar circular e esfriar o motor. Bem, eu perguntei e tive que ouvir 20 minutos de explicação. Mas ficamos amigos, muito amigos, apesar da diferença de idade.

Era 1970, o Instituto havia sido fundado oficialmente em 01 de janeiro, e ele foi o primeiro diretor. Ele foi diretor 2 vezes, num total de 8 anos. Eu fui eleito diretor em 1986. No começo, cheio de dúvidas com os problemas que apareciam, eu o procurava para expor um problema. Ele ouvia pacientemente, mas nunca me deu um conselho ou disse como eu deveria fazer. Falava de outros assuntos, contava histórias de

colegas e, depois de 30 minutos de conversa, eu saía da sala dele e sabia exatamente o que fazer.

O professor Senise sempre entendeu a Universidade de forma abrangente e nunca se furtou a assumir encargos nos quais pudesse dar sua contribuição. Dentre eles, foi um dos líderes que conduziram a mudança das instalações do Departamento de Química, localizado na Alameda Gleite, para a Cidade Universitária em 1966.

Senise foi um dos principais construtores da Universidade de São Paulo e com ela conviveu até seu desaparecimento. Foi aposentado aos 70 anos em 1987, mas seguiu frequentando o Instituto todos os dias até uma semana antes de sua morte.

De tantas, a obra que mais o distinguiu foi a construção da pós-graduação na Universidade de São Paulo.

Para entender seu papel nesse processo, é importante reportarmo-nos à década de 60. Nessa época, havia a concessão de títulos de doutor regulamentada por regimentos das faculdades, até a edição de um Decreto Estadual de 1961, que exigia, além da defesa de tese, aprovação em duas disciplinas subsidiárias.

Mas também fermentavam no país ideias de mudança no ensino superior. Em 1965, o Conselho Federal de Educação aprovou o famoso Parecer 977/65 de Newton Sucupira, que continha doutrina, posteriormente incorporada pela Lei 5540/68, e que dispunha sobre a Reforma Universitária. Em 1969, o Conselho Federal de Educação, no âmbito da Lei 5540, estabeleceu normas para a organização, funcionamento e credenciamento dos cursos de pós-graduação, passando a responsabilidade para o plano federal, o que foi extremamente importante, pois deu à iniciativa um âmbito nacional e permitiu que os títulos fossem equivalentes em todo o Brasil.

A Universidade de São Paulo teve então que se adaptar à lei maior e, por isso, o Vice-Reitor em exercício, professor Hélio Lourenço de Oliveira, de saudosa memória

- cassado pelo golpe militar de 1964 e a quem se fez justiça recentemente inaugurando seu retrato na galeria de reitores exposta no prédio da reitoria, no último dia 26 de setembro - o professor Hélio Lourenço, dizia eu, constituiu comissão para elaborar normas gerais da pós-graduação. Essa comissão foi presidida pelo professor Senise.

É preciso pontuar que essa época foi uma época tumultuada por motivos de ordem política, mas a serenidade de Senise e sua notória capacidade de negociação, isenta de manifestações de arrobo, blindou a comissão da agitação política.

Enfim, a proposta de Senise foi aceita pelo Conselho Universitário. Nessa mesma época, a USP editou o novo estatuto em conformidade com a Lei 5540. Não havia pró-reitorias. Seu Conselho Universitário se dividia em Conselho Técnico Administrativo (CTA) e Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE). Este último se subdividia em 4 câmaras: Graduação, Pós-graduação, Pesquisa e Extensão. Cada uma dessas câmaras tinha apenas 8 membros.

Os diretores tinham a prerrogativa de escolher para qual conselho gostariam de ir. Todos os diretores, com uma única exceção, escolhiam o CTA. A exceção era Senise, que escolhia o CEPE. No CEPE, ele escolhia a Câmara de Pós-Graduação, ora como diretor, ora como representante da Congregação do Instituto de Química. Na Câmara, ele era eleito consecutivamente, todos os anos, para ser Presidente. Foi assim que o professor Paschoal Senise desempenhou durante 17 anos, de 1970 a 1987, o papel que hoje é desempenhado pelo Pró-Reitor.

Essa é uma segunda característica da personalidade de Senise. Ele entendia o diretor como um líder acadêmico a traçar diretrizes gerais de alta relevância para o ensino e para a pesquisa. Ele me dizia que, entre o CTA e o CEPE, mil vezes o CEPE, porque lá se traçava o destino da Universidade. Senise sempre foi um doutrinador, além de administrador.

Em um dos documentos que deixou, Senise escreveu uma frase que o descreve muito bem:

Tendo sempre propugnado por uma mudança de mentalidade que pudesse levar não apenas à plena autonomia, mas também à integração universitária, víamos na pós-graduação um campo aberto que poderia propiciar oportunidades muito favoráveis ao desenvolvimento de atividades conjuntas e interdependentes, desde que se adotasse flexibilidade na programação, simplicidade nos procedimentos administrativos e se privilegiasse a criatividade para alcançar a meta almejada.

Senise contava que, no início, e durante muito tempo, teve que lidar com professores e mesmo com unidades que não entendiam bem a função da pós-graduação.

São suas essas palavras:

Talvez tenha sido um tanto difícil, para alguns, entender que uma comissão pequena possa ser representativa e ter desempenho imparcial. Houve até mesmo quem, nos primeiros tempos, reivindicasse a participação da própria unidade na comissão, fato que evidencia a dificuldade de se promover um processo de integração e introduzir a ideia de que a instituição é uma só - a USP - expressão aliás, que até sob o aspecto legal, deve ser usada exclusivamente com referência à Universidade como um todo e não a cada uma de suas partes ou unidades.

Essa era outra qualidade de Senise. A luta contínua, constante, como membro do Conselho Universitário, como candidato por duas vezes a reitor, pela integração, pela concepção de uma Universidade única e não por uma federação de unidades.

Portanto, Senise imprimiu contornos definitivos à pós-graduação por ter sabido interpretar com minúcia e perfeição o pensamento dos doutrinadores da época, notadamente Newton Sucupira.

Iniciativas corretamente implantadas sempre dão bons frutos. Coisas feitas por acreção, para atender a interesses diversos e frequentemente conflitantes, não rendem bem.

A pós-graduação da USP tem a maioria de seus cursos com notas 6 ou 7 na CAPES, é considerada de excelência em muitas áreas do conhecimento, titula mais alunos do que muitas universidades do primeiro mundo porque, com Senise, teve um bom início, como uma pequena plantinha que se cuida, regando, endireitando seu caule, deixando crescer, resistindo aos ataques dos predadores, com a confiança de quem antevê os resultados futuros. Agora há certa unanimidade na compreensão do que seja a pós-graduação, mas no início eram muitos a quem pacientemente Senise tinha que doutrinar para que não transformassem a pós-graduação em cursos superficiais de extensão. Seu trabalho foi eminentemente pedagógico.

Em frase lapidar escrita por Senise está definida o que foi a instituição da pós-graduação. Disse ele:

*Não se pode deixar de reconhecer o mérito desse documento histórico, de autoria do prof. Newton Sucupira. Trata-se de estudo realmente amplo em que o autor mostra a importância de se instituir um sistema de atividades que levem a universidade **a não ser apenas formadora de profissionais, mas também órgão promotor e criador de ciência e cultura.***

*O grande mérito do Parecer Sucupira é o de ter feito **com que se institucionalizasse a pesquisa tornando-a uma atividade regular,** assim como é regular o ensino de graduação. A par da transmissão, a geração de conhecimentos passou a ser fundamental para caracterizar a verdadeira universidade. A pós-graduação foi também pensada para exercer papel relevante na formação e elevação de nível do docente universitário e assim facilitar a integração interna, ou seja, das atividades de ensino, pesquisa e extensão.*

Não há dúvida de que a universidade brasileira, em geral, carecia de medidas que priorizassem a criatividade.

Senise foi professor - um excelente professor - cientista, dirigente, conselheiro, administrador, homem de integridade ímpar.

Mas, à medida que envelhecemos procuramos a concisão, o caminho mais curto e limpo para expressar nossas idéias. Pus-me então a procurar a palavra síntese que define o homem, o *scholar* Senise.

Walter Borzani, que foi professor titular da Escola Politécnica, tentando definir as características da personalidade de Senise usou os seguintes termos: ordem, aproveitamento do tempo, pontualidade, persistência, espírito crítico sem ideias preconcebidas, busca de alternativas, respeito pelas opiniões dos outros, prudente.

Ainda assim, não satisfeito, encontrei a palavra que define Senise em livro de Norberto Bobbio, filósofo político italiano, senador vitalício, falecido em 2004. O livro em italiano se chama *Elógio de la Mitezza*. Seu tradutor Marco Aurélio Nogueira explica o sentido da palavra italiana *mitezza*. Diz o tradutor que essa palavra em italiano é rica de sentidos e significados. A raiz da palavra é o adjetivo *mite* que corresponde a ameno, tépido, temperado quando se refere ao clima; calmo, paciente, suave, moderado, indulgente quando se refere ao homem. E traduziu o título do livro de Bobbio para *O Elogio da Serenidade*.

É a palavra síntese que define quem foi Paschoal Senise: um homem sereno. Juntamente com todas as outras qualidades de sua personalidade, foi a serenidade que ajudou a construir os primeiros 17 anos de nossa pós-graduação, fincando pilares sólidos que nos sustentaram até o momento, e certamente influenciou decisivamente na construção da pós-graduação das universidades co-irmãs mais jovens.

Obrigado.